

UM POEMA DE GARCIA LORCA

Oswaldo Evandro Carneiro Martins

Para uma sessão da UBT cearense em que se propusera o tema “verdemar”, a qual infelizmente não comparei, eu tinha elaborado uma trova que talvez suscitasse alguma dúvida, porque as rimas eram “AAAA” e ocorria algo inusitado com um verso terminado pela preposição “de”. Havia ali a intenção ecológica ou “verde”, inspirando-se na coloração do Atlântico no Ceará, que é dessa cor, mercê da abundância de algas clorofíceas. É que esses vegetais marinhos vêm sendo afetados pela poluição provocada pelos esgotos de Fortaleza. Assim, dizia a trova que deveria ter sido apresentada naquela ocasião:

*Algas e águas de cor verde,
Cor verde-mar, quero-as ver de
Novo. Mataram o verde.
“Verde que te quero verde”.*

O mais citado verso do poeta universal Federico Garcia Lorca é exatamente esse heptassílabo — **verde que te quiero verde** — com que ele abre seu poema **Romance Sonámbulo**. Subjaz neste, sob um universo de versos brancos, uma tessitura de quadras diluídas em estrofes inteiriças e compactas, tessitura que se me evidenciou e que facilmente identifiquei. Ai, talvez um propósito esotérico e cabalístico — no **verde** como signo e na **quadra** como medida — a insinuar a esperança exaustiva, o fatalismo, o destino de que ninguém poderia fugir. A quadra significa o cerco inelutável que o verde deve romper.

O que o poeta descreve em essência é o reconto antigo do jovem que navega e cavalga pelo mundo — **el barco sobre la mar y el caballo en la montaña** — deixando em sua terra a namorada, com quem sonha na saga e no exílio e para quem regressa um dia, **desde los puertos de Cabra**. Esta metáfora alude ao bíblico bode de Azazel, ou melhor, a um bode expiatório egresso do deserto onde estivera a purgar pecados. Entretanto, o namorado não encontra mais a sua amada, restando-lhe tão-somente volver aos mesmos caminhos de sofrimento, mesmos hábitos de asverismo, mesmas recordações de amor frustrâneo — a mesma esperança, que antes era vivência, mas agora será ensimesmação mecânica e vazia, portanto menos que a

esperança do poeta Vicente de Carvalho, a qual “existe, sim, mas nós não a alcançamos, / porque está sempre apenas onde a pomos / e nunca a pomos onde nós estamos”.

O verde, isto é, a esperança, perpassa por todo o **Romance Sonámbulo**, cumprindo o trajeto do seu próprio desgaste. Nas duas primeiras estrofes ele é a paisagem, o cenário montado pela imaginação para a volta do namorado, a expectativa, e a interrogação sobre aquele que vai chegar: **Pero quién vendrá: Y por dónde:** A terceira estrofe é a volta, o encontro pungente dos dois compadres, do namorado e do pai da namorada, um que vinha sôfrego por um refrigerio e o outro que já não era o mesmo que ficara e que dizia: **Pero yo ya no soy yo. / Ni mi casa es ya mi casa.** A quarta estrofe é a entrada dos dois na casa que já não pertence mais ao dono, ambos deixando suas pegadas, estigmas de sangue do que chegara e de lágrimas do que ficara. A quinta estrofe é o desfecho, a realidade de que a namorada já não existia. Finalmente, a sexta estrofe é a alucinação do namorado, seguida da inexorável volta do mesmo à mesma sina, isto é, **el barco sobre la mar / y el caballo en la montaña.**

Áuge do poema, cumpre mencionar o momento crucial da volta. O protagonista da história dialoga com o seu compadre, que deveria ser o seu futuro presuntivo sogro, em cuja companhia adentra a casa da namorada por quem voltava. Acomete-o a visão desta, como a visão da mãe e das irmãs no soneto “Visita à casa paterna” de Vicente de Carvalho. Essa alucinação, porém, é cortada bruscamente pelo prosaísmo mais vulgar, por um despertar brutal, que corta também a quadra final, num recurso puramente concretístico. Essa quadra inconclusa — dois versos — é a seguinte: **Guardias civiles borrachos / en la puerta golpeaban.** Neste ponto, indicando a retomada do ramerrão da vida, o poeta apenas repete a quadra inicial.

ROMANCE SONÂMBULO

Frederico Garcia Lorca

Tradução de Oswaldo Evandro Carneiro Martins

I

*Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramos.
O barco por sobre o mar
E o cavalo na montanha.*

*Ela sonha na varanda,
Tendo a sombra na cintura,
De verde a carne e os cabelos,
De prata fria seus olhos.*

*Verde que te quero verde.
Sob esta lua cigana,
As coisas a estão olhando,
Porém não pode ela olhá-las.*

II

*Verde que te quero verde.
Grandes estrelas de orvalho
Chegam sob o pez de sombra
Que abre o caminho da aurora.*

*A figueira roça o vento
No veludo dos seus ramos
E o monte eriça os arbustos
Como o gato eriça os pelos.*

*Mas quem virá? E por onde?
Ei-la ainda na varanda,
De verde a carne e os cabelos,
Sonhando no mar amargo.*

III

*— Compadre, quero trocar
Meu cavalo por sua casa,
A sela por seu espelho,
O chapéu por sua manta.*

*Compadre, venho sangrando
Por esses portos de Cabra.*

*— Ora, mocinho, o negócio
Eu faria, se pudesse.*

*Mas eu já não sou mais eu.
Já nem minha casa é minha.
— Compadre, quero morrer
Decentemente em meu leito.*

*Quisera de aço meu leito,
Quisera lençóis de Holanda.
Vês a ferida que tenho
Do peito até a garganta?*

*— Trezentas rosas morenas
Tem tua camisa branca.
Verte-se e esvai-se teu sangue
Em torno da tua faixa.*

*Mas eu já não sou mais eu.
Já nem minha casa é minha.
— Deixa-me subir ao menos
Até as altas varandas.*

*Deixa-me subir! Subir
Até as verdes varandas,
As varandas do luar,
Varandas onde a água canta.*

IV

*Já sobre os dois compadres
Até as altas varandas,
Deixando um rastro de sangue,
Deixando um rastro de lágrimas.*

*Tremiam sobre os telhados
As trepadeiras dos flandres.
Mil padeiros de cristal
Feriam a madrugada.*

V

*Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramos.
Os dois compadres subiram.
O vento envolvente punha*

*Na boca um raro sabor
De mel, de menta e alfavaca.
— Compadre! Onde é que ela está,
A tua menina amarga?*

*— Ah! Quanto ela te esperou!
E mais te esperara ainda,
Louçã, de cabelos negros,
Na mesma verde varanda!*

VI

*Sentia-se ali presente
Sobre a cisterna a cigana,
De verde a carne e os cabelos,
De prata fria seus olhos.*

*Naco gelado de lua
Sustém-na a flutuar na água.
Fez-se tão íntima a noite
Como uma pequena praça.*

*Borrachos, guardas civis
Estão batendo na porta.*

*Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramos.
O barco por sobre o mar
E o cavalo na montanha.*

ROMANCE SONÁMBULO

A Gloria Giner
y a Fernando de los Rios

*VERDE que te quiero verde.
Verde viento. Verdes ramas.
El Barco sobre la mar
y el caballo en la montaña.
Con la sombra en la cintura
ella sueña en su baranda,
verde carne, pelo verde,
con ojos de fría plata.
Verde que te quiero verde.
Bajo la luna gitana,
las cosas la estás mirando
y ella no puede mirarlas.*

*Verde que te quiero verde.
Grandes estrellas de escarcha,
vienen con el pez de sombra
que abre el camino del alba.
La higuera frota su viento
con la lija de sus ramas,
y el monte, gato garduño,
eriza sus pitas agrias.
Pero quién vendrá? Y por dónde?
Ella sigue en su baranda,
verde carne, pelo verde,
soñando en la mar amarga.*

*Compadre, quiero cambiar
mi caballo por su casa,
mi montura por su espejo,
mi cuchillo por su manta.
Compadre, vengo sangrando,
desde los puertos de Cabra.
Si yo pudiera, mocito,*

*este trato se cerraba.
Pero yo ya no soy yo.
Ni mi casa es ya mi casa.
Compadre, quiero morir
Decentemente en mi cama.
De acero, si puede ser,
con las sábanas de holanda.
No veis la herida que tengo
desde el pecho a la garganta?
Trescientas rosas morenas
lleva tu pechera blanca.
Tu sangre rezuma y huele,
alrededor de tu faja.
Pero yo ya no soy yo.
Ni mi casa es ya mi casa.
Dejadme subir al menos
hasta las altas barandas,
dejadme subir! dejadme
hasta las verdes barandas.
Barandales de la luna
por donde retumba el agua.*

*Ya suben los compadres
hacia las altas barandas.
Dejando un rastro de sangre.
Dejando un rastro de lágrimas.
Temblaban en los tejados
farolillos de hojalata.
Mil panderos de cristal
herian la madrugada.*

*Verde que te quiero verde,
verde viento, verdes ramas.
Los dos compadres subieron.
El largo viento, dejaba
en la boca un raro gusto
de hiel, de menta y de albahaca.
Compadre! Dónde está, dime?
Dónde está tu niña amarga?
Cuántas veces te esperó!*

*Quantas veces te esperara,
cara fresca, negro pelo,
en esta verde baranda!*

*Sobre el rostro del aljibe,
se mecía la gitana.
Verde carne, pelo verde,
con ojos de fria plata.
Un carámbano de luna
la sostiene sobre el agua.
La noche se puso íntima
como una pequeña plaza.
Guardias civiles borrachos
en la puerta golpeaban.
Verde que te quiero verde.
Verde viento. Verdes ramas.
El barco sobre la mar.
Y el caballo en la montaña.*

(Frederico García Lorca, **Romancero Gitano y Otros Poemas**. Buenos Aires. Editorial Losada, S.A., s/d, pp. 18-21).